
PUBLICAÇÕES EDIPUCRS

- Jane Rita Caetano da Silveira e Heloísa Pedroso de Moraes Feltes.

Pragmática e Cognição:
A textualidade pela relevância. 1999, 2ª edição, 156 p.

Os pedidos deverão ser encaminhados à:

EDIPUCRS

Av. Ipiranga, 6681 - Prédio 33

Caixa Postal 1429

90619-900 - Porto Alegre - RS/BRASIL

<http://ultra.pucrs.br/edipucrs/>

E-mail edipucrs@pucrs.br

Fone/Fax: (51) 320.3523

Estudo de uma Hipótese Semântico-Pragmática para a Omissão de Clíticos Pronominais

*Izabel Christine Seara**

ABSTRACT: This study raises a semantic-pragmatic hypothesis for deletion of the anaphoric clitic in a corpus of spoken Brazilian Portuguese. The main deletion factors are intention associated with reflexive action verbs, and the thematic grid (case roles) for the other verb types associated with the clitic.

RESUMO: Este estudo apresenta uma hipótese semântico-pragmática para o apagamento do clítico pronominal em um corpus de fala do português brasileiro. Os principais fatores para o apagamento são o traço [+ intenção] associado aos verbos reflexivos e a grade temática (casos) para os outros tipos de verbos associados com o clítico pronominal.

Key-words: Brazilian Portuguese, clitic, deletion, pragmatic-semantic factor.

Palavras-chave: Português brasileiro, clítico, apagamento, fator semântico-pragmático.

Introdução

As diferentes funções dos clíticos anafóricos frequentemente têm sido alvo de estudos lingüísticos. Essa constância se dá principalmente pelas variadas e, muitas vezes, desencontradas informações sobre esses clíticos, acarretando sérios problemas para os estudantes em geral. Tentando resolver algumas

*Universidade Federal de Santa Catarina

das controvérsias que envolvem a queda dos clíticos anafóricos¹, tomaremos como objeto de estudo os pronomes átonos dos verbos ditos pronominais (conforme exemplificados em (1), (2) e (3)) e reflexivos (conforme (4) e (5)):

- (1) Eu (me) arrependi muito.
- (2) Ela (se) casou ontem.
- (3) Ele foi-se embora.
- (4) Eles (se) beijaram.
- (5) Eu (me) feri com a faca.

Observando dados de fala, vimos que verbos de tipos gramaticais diferentes como *casar* e *separar* tinham comportamentos semelhantes com relação ao uso deste pronome, podendo ser pronominais ou recíprocos, como (6) e (7) ilustram, respectivamente:

- (6) a. Olha só me caso com você ... (Inf.06-596)
b. Eu me separei porque não dava mais.
- (7) a. Quando eles iam se casar... (Inf.03-247) - (um com o outro)
b. Quando eles iam \emptyset casar, ele morreu. (Inf.03-248) (um com o outro)
c. Aí nós se separamos mesmo. (Inf.03-838) (um do outro)
d. Desde a primeira vez que a gente \emptyset separou ... (Inf.03-624) (um do outro)

Resolvemos então aplicar uma abordagem semântico-pragmática, envolvendo a teoria da Gramática de Casos, para que pudéssemos encontrar fatores que explicassem a queda destes pronomes, já que, na abordagem tradicional, a condição do clítico não ter função sintática ou ter valor semântico mais evidente não se confirma, conforme pode ser visto em (7).

Neste estudo, levantamos então a hipótese de que um fator semântico-pragmático como a intencionalidade da ação se sobrepõe ao sintático na elucidação da tendência de queda desses clíticos. Para verificarmos essa hipótese, analisaremos um

¹ Descartaremos, neste estudo, os casos de apassivação e de impessoalização.

corpus de fala semi-distensa de informantes Florianopolitanos, coletado pelo Projeto VARSUL (Projeto de Variação Lingüística da Região Sul do Brasil).

1. Os Clíticos Pronominais e a Classificação Verbal

A gramática tradicional classifica os verbos que são conjugados com os pronomes átonos como pronominais ou reflexivos. Os pronominais são aqueles cujos pronomes não exercem função sintática e dividem-se em: essencialmente pronominais (sempre conjugados com o auxílio dos pronomes átonos: *queixar-se*, *arrepender-se*) e os acidentalmente pronominais (podem ser conjugados com ou sem o auxílio do pronome átono: *lembrar-se*, *esquecer-se*).

Os reflexivos são aqueles que se conjugam com pronomes átonos do caso oblíquo (com função de objeto) na pessoa idêntica à do sujeito e nos quais podemos acrescentar as expressões a mim mesmo, a ti mesmo, a si mesmo, etc., (*cortar-se* (a si mesmo)), ou seja, a pessoa do sujeito reaparece no predicado sob forma de um pronome átono como objeto de uma ação verbal transitiva, que parte dele (SACCONI, 1986 e TERRA, 1991). Ainda classificados como reflexivos estão os recíprocos, aqueles em que o pronome átono também é o objeto de uma ação transitiva, que parte do sujeito, conforme exemplo (7). Nesse exemplo, o *se* é chamado recíproco, significando "um ao outro" e usa-se, geralmente, no plural (CEGALLA, 1985).

HAUY (1992: 20) propõe que os verbos considerados como acidentalmente pronominais nas gramáticas tradicionais seriam os reflexivos, mas salienta a controvérsia existente sobre os verbos reflexivos e os recíprocos, dizendo que os recíprocos não deveriam ser considerados como um aspecto dos reflexivos. Isto porque o pronome oblíquo átono nos reflexivos determina que a ação é praticada e recebida pelo próprio sujeito. Com os recíprocos, isto não ocorre, pois em:

- (8) Pedro e Paulo se enganinharam,

a ação praticada por Pedro recai em Paulo, não em Pedro e vice-versa. Aqui tem-se não uma reflexividade cruzada, mas um cruzamento de ação mútua.

ALBUQUERQUE (1984) elaborou um estudo comparativo com dados do Rio de Janeiro e de um município mineiro (Manhuaçu) e constatou que os contrastes bruscos de percentuais entre verbos de mesmo tipo gramatical e a oscilação de uso do clítico em um mesmo momento histórico indicavam que deveria haver outro motivo para a queda dos clíticos além da possibilidade de omissão do objeto ou do sujeito. Esta possibilidade de omissão foi a hipótese explicativa sintática apresentada por ela, ou seja, como o objeto direto não-reflexivo pode ser omitido, o reflexivo também pode. A partir daí tem-se que se o pronome pode ser omitido nos acidentalmente pronominais, poderá ser também nos essencialmente pronominais. E, nestes últimos, haveria uma menor queda porque a sua apreensão se dá por memorização lexical. Já, nos acidentalmente pronominais, a generalização da omissão do objeto é mais facilmente assimilada.

A autora tenta explorar uma hipótese semântica que melhor esclareça tais discrepâncias. Ela percebeu que uma lista enorme de verbos que são usados desacompanhados do clítico são classificados pela gramática normativa como essencialmente pronominais (*esquecer-se, mudar-se*), enquanto outros, como acidentalmente pronominais (*casar-se, levantar-se*). Assim a hipótese sintática não nos levaria a uma regularidade. Para ela, o traço semântico comum aos verbos com forte tendência a perder a marca de reflexibilidade seria a grande previsibilidade semântica do objeto desses verbos em seus usos mais comuns. Ou seja, "verbos como *levantar, sentar, deitar* perdem a sua marca reflexiva porque o seu uso transitivo não reflexivo representa uma situação anômala", já que o mais comum nesses verbos é que o agente seja também objeto da ação. Essa sobreposição de papéis temáticos é considerada pelo falante tão óbvia que a marca de reflexibilidade se torna desnecessária. ALBUQUERQUE (*op.cit.*1984), no entanto, classifica os verbos em essencialmente pronominais, referindo-se aos de mesma classificação na

Gramática Tradicional (*arrepender-se, queixar-se*) e em acidentalmente pronominais, reunindo neste grupo os acidentalmente pronominais e os reflexivos da Gramática Tradicional.

IKEDA (1980), pesquisando a função do clítico *se*, percebeu que nas frases em que o *se* representa a indeterminação do sujeito, ou quando representa o pronome apassivador tem-se sempre interpretação transitiva com sujeito [+humano, +animado]. No entanto esse autor considera que, em outras situações como nos reflexivos, enfáticos ou pronominais, esses traços não são exigidos.

GAMARSKI (1981) questiona as análises sobre os verbos pronominais e reflexivos que são baseadas freqüentemente no critério da estrutura superficial. Ela então propõe que partindo da distinção entre estrutura superficial e estrutura profunda se chegue a uma explicação para ocorrência de verbos com pronomes, tomando por base a interpretação de Fillmore da Gramática Transformacional.

MONTEIRO (1994) faz um estudo detalhado dos pronomes pessoais, aludindo aos vários estudos que se tem sobre este tema e colocando suas dúvidas sobre as tentativas de sistematização do comportamento dos pronomes no português do Brasil. Sobre os clíticos anafóricos, esse autor cita que a orientação dos gramáticos portugueses e brasileiros tem sido de cunho estritamente prescritivista em relação à colocação pronominal, elaborando várias regras sem levar em conta, no entanto, o registro oral. Esse autor ainda discute o problema dos clíticos chamados por ele de redundantes, aqueles que, a rigor, não desempenham a função de complemento verbal, dizendo que quando se fizer qualquer estudo sobre o uso oral destes clíticos, saliente-se a região que se analisa, já que a variação no emprego ou apagamento desses clíticos é freqüentemente diatópica (cf. ALBUQUERQUE (1984) já demonstrou).

MONTEIRO (1994: 94) diz ainda que "não sabemos de modo conclusivo se o emprego de clíticos redundantes constitui um fenômeno arbitrário e idiossincrático ou se decorre de motivações sintáticas e/ou semânticas". Ele levanta então hipóteses, considerando que a chave para a interpretação da variação de

comportamento dos clíticos pronominais se esconde no significado, pois percebe-se uma certa identidade de traços semânticos entre os verbos:

- a) se relacionam a fenômenos psíquicos e mentais (*queixar-se*, *arrepender-se*, *lembrar-se*);
- b) expressam alguma mudança de estado (*modificar-se*, *casar-se*, *sentar-se*).

Esse autor mostra também que, apesar de se poder quase afirmar que hoje o apagamento do clítico redundante se estende a qualquer verbo pronominal, encontramos verbos que apresentam redobramento, podendo estar anunciando uma nova mudança, como em (9):

(9) Meu avô se aposentou-se como porteiro no Grupo Escolar.

Já para os pronomes reflexivos, MONTEIRO discute a idéia de que um clítico só possa ser reflexivo se o sujeito for animado. A maior parte dos estudos sobre este clítico apresenta como regras para que seja empregado no sentido reflexivo: a) que esteja na mesma pessoa gramatical do sujeito, b) complete a predicação de um verbo transitivo e c) refira-se a um sujeito animado. No entanto, esta interpretação faria com que verbos como *modificar*, *casar*, *sentar* que são transitivos fossem considerados como reflexivos. IBANEZ (1975) (*Apud* MONTEIRO) em relação a isso diz que os reflexivos autênticos seriam também não reflexivos e neste caso transitivos, sendo que o significado dos verbos nestes dois casos seria o mesmo. Isso é o que ocorre com *casar*, *modificar* e *sentar*, entre outros. Para IBANEZ, a condição necessária para que um verbo transitivo possa ser empregado como reflexivo é ter a restrição seletiva [+animado] para seu sujeito. Esta restrição seletiva também é citada por GAMARSKI (1981) para o elemento que é envolvido pela mudança nas construções incoativas.

MONTEIRO (1994: 99), analisando a frase (10), mostra que nela se aplicam as três condições para o clítico reflexivo:

(10) Nós nos hospedamos nesta casa,

Como hospedar é um verbo transitivo direto, *nos* seria considerado objeto do verbo. Porém a falta da noção de que o sujeito executa a ação e sofre os efeitos dela (noção de reflexibilidade) faz com que não nos sintamos à vontade com essa classificação. Assim, talvez a explicação esteja na variação semântica do verbo que classificaria *hospedar alguém* como agentivo e *hospedar-se* como estativo. Dessa forma o reflexivo exigiria não só o traço [+animado] mas também o caso agentivo, ou seja, o verbo que reclama um reflexivo tem de ser necessariamente agentivo.

NUNES (1995) fez um estudo diacrônico e sincrônico envolvendo a perda de clíticos anafóricos em dados do português brasileiro, compreendidos no período de 1555 a 1989. Comparou-os com dados do português europeu, introduzindo também em seu estudo a metodologia variacionista. O foco principal de sua pesquisa está nos fatores condicionantes do apagamento dos clíticos, tais como o tipo de clítico anafórico e a grade temática do verbo associado ao clítico.

Nesse emaranhado de explicações que apresentam terminologia e teoria variadas para identificar casos semelhantes, não é de se estranhar a dificuldade, entre professores de português, também citada por ALBUQUERQUE (1984), para a separação entre os verbos pronominais essenciais e os acidentais, como também na definição de verbos reflexivos.

2. A Teoria versus a Prática - Considerações acerca da classificação verbal tradicional

Ao analisarmos todos os verbos que havíamos encontrado no *corpus* e comparando-os à teoria existente, percebemos, para grande surpresa, que verbos considerados como pronominais pelos falantes não eram assim tratados pelas Gramáticas em geral. Nossa surpresa se deu principalmente com os verbos *acordar* e *simpatizar*.

O verbo *acordar* é usado como pronominal da mesma forma que os verbos *levantar*, *sentar*, verbos então considerados pronominais pelas Gramáticas. Inclusive o verbo *acordar* foi considerado agramatical em sua forma pronominal na pesquisa

de GAMARSKI (1981: 12). Não estranhemos o seu uso pronominal, pois, como o verbo *levantar*, *acordar* está também em variação e pode ser assim encontrado sem o pronome. Nosso estranhamento se deu pela não consideração da forma pronominal. Os dicionários de FERREIRA (1986) e BORBA (1990) também não a mencionam.

Já com o verbo *simpatizar* foi um pouco diferente. Havia apenas uma ocorrência deste verbo e na forma pronominal, como o exemplo (11) ilustra, abaixo: *

(11) Não, porque me simpatizei com o Vasco - (FLP17-165).

Ao questionar as pessoas em geral (informantes florianopolitanos mas que não pertenciam ao *corpus* analisado (VARSUL)) sobre o uso de tal verbo, percebemos que havia uma divisão na questão: muitos achavam natural usar tanto a forma pronominal quanto a não-pronominal, outros, porém, não consideravam a forma pronominal como possível, achando-a estranha. Assim pudemos perceber que se tratava, para algumas pessoas, de uma forma variável. Nas gramáticas e dicionários *simpatizar* só é usado na sua forma pronominal no sentido de experimentar mútua simpatia, ou seja, na forma recíproca como em *Eles se simpatizaram* (um pelo outro). Como recíproco só deveria ser usado com as pessoas do plural, mas talvez alguns falantes florianopolitanos (não sabemos se isso ocorre só aqui, para sabê-lo necessitaríamos de estudos em outras regiões do país) tenham estendido este uso para as pessoas do singular, fazendo então o verbo *simpatizar* ser classificado também como pronominal acidental e não só como recíproco.

Quanto à classificação dos verbos, segundo apregoam a maior parte das gramáticas tradicionais, como essencialmente pronominais, acidentalmente pronominais, reflexivos, recíprocos e enfáticos, ocorrem vários problemas:

1. Para o verbo *arrepender-se*, tradicionalmente considerado como essencialmente pronominal por nunca poder ser usado sem o pronome, ou seja, por não existir a forma transitiva não-pronominal: *eu o arrendi*, encontramos

um exemplo que se contrapõe a essa colocação. Em BORBA (1991: p.155), temos o verbo *arrepender* na sua forma não-pronominal no seguinte exemplo:

(12) O pecador inflamado arrependeu os fiéis pecadores.²

2. A idéia de que os verbos reflexivos não perdem o pronome porque ele tem uma função sintática, a de objeto do verbo, também cai por terra se analisarmos os dados apresentados por ALBUQUERQUE (1984). Neles estão ocorrências de verbos como *machucar* e *cortar*, tradicionalmente reflexivos, sem o respectivo pronome no dialeto goiano:

- (13) a. Ela machucou na bicicleta.
b. Eu cortei com a faca.

3. O conceito de reflexibilidade também nos pareceu confuso em certos casos. Considera-se a noção de reflexibilidade como a possibilidade do sujeito poder ser agente e paciente do verbo, ou seja, ele executa e sofre a ação. Dessa forma verbos como *casar-se*, *sentar-se* não poderiam ser considerados reflexivos, porém GAMARSKI (1981) assim os classifica.

Uma constatação bastante interessante é quanto ao verbo *localizar-se* (basicamente espacial, podendo metaforizar-se para um temporal como em *Essa obra localiza-se no século XV*) que, em nosso *corpus*, metaforizou-se para um holístico (expressa totalidade, o todo) como no exemplo abaixo:

(14) Então é bem mais fácil a gente se localizar né? dentro daquilo ali. (dentro de uma árvore genealógica). (FLP22-447)

3. Os Verbos Reflexivos

Observando toda a controvérsia existente sobre este assunto e percebendo que a teoria até o momento empregada

² GAMARSKI (1981: 20) apresenta o verbo *arrepender-se* na forma não-pronominal com a oração: João arrependeu Pedro de seus pecados, considerando-a, no entanto, agramatical.

para explicar não só a divisão desses verbos em classes diferentes como também o seu uso não é suficientemente clara, resolvemos aplicar uma outra teoria para tentar ajudar no esclarecimento do comportamento desses verbos, a teoria da Gramática de Casos, nos moldes do modelo não-localista da UFSC (NICOLACÓPULOS, 1997)

MONTEIRO (1994: p.100) lembra que, para muitos gramáticos espanhóis, a característica fundamental da reflexibilidade é a intencionalidade da ação. É o que se chama na Teoria da Gramática de Casos de causativização, em que processos³ e estados⁴ transformam-se em ações⁵, conforme exemplos (15) e (16):

(15) Ele se feriu. (em contexto: não-intencional)

+[_O] - Processo

(16) Ele se feriu para conseguir a indenização.(em contexto: intencional)

+[_A, O] - Ação

Aqui o modelo não-localista da UFSC,

A teoria da Gramática de Casos de FILLMORE (1968), mais precisamente o modelo não-localista da UFSC (NICOLACÓPULOS, 1997), por ser um modelo semântico-pragmático, ou seja, leva em consideração elementos pragmáticos e discursivos na análise casual, pode dar conta do traço [± intenção] que está presente em um contexto mais amplo (*lato*

³ Evento ou sucessão de eventos que afetam um sujeito paciente (é afetado por aquilo que o verbo expressa), experimentador (aquele que expressa uma experiência ligada a uma disposição mental, uma sensação, uma emoção, uma cognição) ou beneficiário (aquele que é a sede da transferência de posse ou destinatário de um benefício). Um verbo de processo traduz sempre um acontecer ou um experimentar ou um receber, isto é, algo que se passa com o sujeito ou que ele experimenta ou recebe. (BORBA, 1990) Ex: Realmente a situação vai complicar; Ela não se deu bem..

⁴ Expressão de uma propriedade, de uma condição ou de uma situação localizadas no sujeito. (BORBA, 1990) Ex: Aquele que se chamava estafeta

⁵ Expressa uma ação realizada por um sujeito agente (por si mesmo desencadeia uma atividade sendo origem dela e seu controlador) (BORBA, 1990). Ex: Eu casei.

sensu) e não restrito aos limites da frase ou texto.)⁶. Atende assim a necessidade de, na estrutura profunda, aparecerem tanto as funções semânticas quanto as sintáticas (já que as funções sintáticas não esclarecem muito sobre os problemas apresentados). Essa indicação de que um fator semântico-pragmático subjaz à escolha da presença ou ausência do pronome junto a esses verbos já é citada por ALBUQUERQUE (1984) e NUNES (1995).

Tomando verbos como *queimar-se*, *machucar-se* (considerados pela Gramática Tradicional como reflexivos), vimos que eles podem ter então dois tipos de esquemas casuais: se intencional, são agentivos, caso contrário, são processuais. Vejamos os exemplos (17) e (18):

(17) Maria se machucou para que tivessem pena dela.

Esquema casual: +[_A,O]. Aqui quem provocou o machucado foi a própria Maria, ela é o sujeito que executa a ação verbal. Nesse caso o verbo seria considerado reflexivo, já que a idéia de sujeito que executa e sofre a ação se materializa.

Agora em:

(18) Aí contou, né? que tinha se queimado e tudo.

Esquema casual: +[_O]. Aqui quem queimou o sujeito não foi ele próprio mas sim o fogo do carro que também não foi intencional.⁷ Nesse caso o verbo seria considerado pronominal e não reflexivo, pois não se materializa a idéia de sujeito que executa a ação.

Como os verbos reflexivos⁸ apresentaram 100% de presença do clítico pronominal no *corpus* do VARSUL, percebemos

⁶ O modelo casual da UFSC foi proposto por NICOLACÓPULOS (1992) e baseia-se no modelo matricial de COOK (1979, 1989) que, por sua vez, baseia-se nos modelos de FILLMORE (1968,1971), CHAFE (1970) e ANDERSON (1971).

⁷ Neste exemplos é o contexto mais amplo (além da estrutura frasal) que nos possibilita perceber se há intenção ou não.

⁸ Aqui, gostaríamos de salientar dois pontos: 1) os verbos recíprocos foram classificados em separado e não como reflexivos; 2) houve apenas um caso de queda do clítico com os reflexivos: (*Ele tem que (se) cuidar*. Porém este caso foi por nós considerado um ato falho, não sendo, portanto, levado em conta na avaliação deste tipo de verbo.

que não existe variação neste caso, pelo menos na fala florianopolitana.

Fizemos alguns testes com dois informantes mineiros⁹, já que a frequência de presença dos pronomes oblíquos átonos com os verbos reflexivos em Minas Gerais é bastante pequena (30%, conforme ALBUQUERQUE, 1994), para que pudéssemos confirmar a importância do traço [+intenção] com os verbos reflexivos. Nossa hipótese é a de que a intencionalidade da ação é fundamental para se considerar um verbo como reflexivo ou não.

O teste consistiu da conjugação de 15 verbos reflexivos como: *acidental(se)*, *alimentar(se)*, *apresentar(se)*, *alertar(se)*, *considerar(se)*, *discriminar(se)*, *isolar(se)*, *matar(se)*, *queimar(se)*, entre outros, em contextos em que havia a causativização¹⁰ da forma verbal através do uso do imperativo ou o verbo em frases como: *Ele disse para eu.....* :

(19) Se oriente vs Ele disse para eu orientar.

(20) Se queime vs Ele disse para eu me queimar.

Se nossa hipótese estiver correta, nas respostas dos mineiros entrevistados por nós, devemos ter um aumento no percentual de presença do clítico em relação aos de ALBUQUERQUE (1984), já que os contextos acima eram intencionais, portanto causativizados. Vejamos nossos resultados:

- a) em todos os casos de imperativo, o informante apresentou o clítico pronominal, isto é, 100% de uso do pronome;
- b) nos outros contextos (verbos inseridos na frase: *Ele disse para eu...*), ocorreu a presença do clítico em 59% dos dados.

Nossos dados apresentam um visível aumento de uso dos clíticos (de 30% em ALBUQUERQUE (1984) para 59% e

⁹ Estes informantes residiam em Florianópolis no momento da coleta de dados.

¹⁰ Processos e estados transformam-se em ações, conforme exemplos 8 e 9.

100%). Esses resultados parecem, portanto, tender à confirmação da importância do traço intencionalidade da ação para a manutenção ou não do clítico, ou seja, os reflexivos com o traço [+ intenção] são os mais conservadores em relação à presença do clítico. Gostaríamos, então, de propor uma reclassificação de, pelo menos, parte dos verbos reflexivos: seriam verdadeiramente reflexivos aqueles que apresentassem o traço [+intenção], enquanto os demais seriam reclassificados como pronominais (conforme visto nos exemplos acima), mostrando, dessa forma, a sustentabilidade da hipótese semântico-pragmática levantada como fator preponderante para a classificação desses verbos, permitindo também que essa análise se estenda para os casos de metaforizações.¹¹

Infelizmente, para que pudéssemos fazer um estudo mais detalhado sobre o traço intencionalidade, teríamos de analisar com mais cuidado a fala de informantes mineiros. Como nosso objetivo não é fazer um estudo da fala mineira, deixamos somente a indicação de que a marca de intencionalidade da ação verbal mostrou-se como um importante fator para a presença ou supressão dos clíticos pronominais na fala mineira.

4. Os Verbos Recíprocos, Pronominais Acidentais e Enfáticos

Os verbos pronominais essenciais e os reflexivos¹² (conforme já dissemos) apresentaram 100% de presença do clítico pronominal, mostrando que não existe variação nestes casos na fala florianopolitana. Os pronominais acidentais, os recíprocos e os enfáticos apresentaram, no entanto, variação em seus usos. Assim, para esses verbos, aplicaremos uma abordagem sintático-semântico-pragmática, envolvendo a Teoria de Casos, para que possamos encontrar os fatores de maior relevância para a queda destes pronomes. Esse tipo de abordagem, controlando

¹¹ Esses casos de metaforizações podem ser vistos na Tabela em anexo. São formas verbais que se encontram em 2 ou mais campos semânticos diferentes, pois são polisêmicas (metaforizadas), isto é, assumem diferentes sentidos em contextos diversos.

¹² Ver nota 8.

fatores semântico-pragmáticos, já foi testada em NUNES (1995) e esses fatores se mostraram bastante relevantes.

4.1 Fatores Condicionantes

A elaboração inicial de uma análise quantitativa que avalie o peso¹³ dos vários contextos pode fornecer informações valiosas para uma melhor compreensão da interface sintaxe/semântica no tocante aos verbos pronominais, recíprocos e enfáticos.

O *corpus* trabalhado foi composto de oito entrevistas de fala semi-distensa de informantes florianopolitanos (VARSUL) e os fatores elencados a seguir foram elaborados com base em pesquisas já feitas sobre o assunto e em observações desse *corpus*.

Como variável dependente (delimitação do fenômeno lingüístico variável com inventário de suas possíveis variantes), temos a **presença ou ausência do pronome átono** em sentenças em que se esperaria esse clítico anafórico em função das características lexicais do verbo (pronominais ou reflexivos). Quanto às variáveis independentes (restrições ao uso de uma ou outra variante, também denominadas grupo de fatores, fatores ou categorias condicionantes), aplicaremos uma abordagem sintático-semântico-pragmática, envolvendo a Teoria da Gramática de Casos, para que possamos encontrar os fatores de maior relevância para a queda desses pronomes. Assim, vamos dividir essas variáveis em dois grupos: 1) as morfo-sintáticas e 2) as semânticas.

As morfo-sintáticas foram subdivididas em:

¹³ Pesos relativos servem para a verificação das chances de uma variante se realizar em um dado contexto. Pesos relativos menores do que .5 desfavorecem a aplicação da regra (ou seja, são fatores inibidores), os maiores do que .5 favorecem a aplicação da regra e os iguais a .5 são indiferentes. Porém o que importa é a sua ordenação, sendo por isso usado o termo peso relativo.

a) Tipo gramatical de verbo¹⁴:

Acidentalmente pronominais:

(21) Eu me lembro até quando eu... (FLP.15-979)

(22) Pra ficar sempre naquele ali e Ø aborrecer, né? (FLP.22-197)

Enfáticos:

(23) Aí, eu vim Ø embora. (FLP.03-956)

(24) Eu vou me embora. (FLP.03-963)

Recíprocos:

(26) Aí nós ficamos Ø correspondendo coisa e tal. (FLP.06-591)

(26) A gente se reúne em finais de semana, a família toda, né? (FLP.17-301)

b) Presença ou ausência do sujeito

c) Identidade do pronome átono ao pronome sujeito

d) Posição do clítico em relação ao verbo

As semânticas foram subdivididas em:

a) Intencionalidade da Ação

b) Papéis temáticos¹⁵ (casos¹⁶, argumentos, papéis semânticos)

Agente (expressa ação):

(27) Hoje eu vou me tornar uma pessoa ignorante. (FLP.15-1015)

Esquema casual: +[A,*O,O]/A=O

Objeto (com verbos de estado denota o que está sendo descrito, com verbos processuais o que sofre mudança e com verbos agentivos expressa afecção):

¹⁴ Os verbos foram classificados segundo SACCONI (1986) e TERRA (1991)

¹⁵ Papéis temáticos são noções relacionais que se apresentam como configurações estruturais, com estatuto comparável às noções de sujeito e objeto em muitas teorias gramaticais. São principalmente sintagmas nominais que suportam as funções temáticas. (BORBA, 1990)

¹⁶ O modelo não-localista da UFSC é composto de 8 (oito) casos (dois básicos: Agente e Objeto e seis não-básicos: Experienciador, Beneficiário, Locativo, Tempo, Comitativo e Holístico. O Tempo, no entanto, não foi contemplado nesse corpus.

- (28) Isso se tornou uma amizade. (FLP.06-103)
Esquema casual: +[_O,O]
- (29) Às vezes torna-se até chata pro filho. (FLP.04-1021)
Esquema casual: +[_*O,O]/O-apag.
Beneficiário (expressa posse, poder, liderança, ganho ou perda, benefício e transferência de propriedade):
- (30) Ninguém se safa. (FLP.04-517)
Esquema casual: +[_B,*O]/O-apag.
Comitativo (expressa companhia):
- (31) Porque a gente se separou não foi por causa de mulher. (FLP.03-815)
Esquema casual: +[_A,*O,*C]/A=O, C-apag.
Experienciador (denota sensação, emoção, cognição e o ouvinte da comunicação):
- (32) Eu me sinto bem... (FLP.07-62)
Esquema casual: +[_E]
Locativo (expressa localização):
- (33) Aí se sentava ... (FLP.03-527)
Esquema casual: +[_A,*O,*L]/A=O; A,L,O-apagados
Holístico (expressa totalidade, o todo):
- (34) Então por ali é bem mais fácil a gente se localizar, né? dentro daquilo ali. (FLP.22-447) (Localização dentro de uma árvore geonealógica)
Esquema casual: +[_A,*O,*H]/A=O; H-apag.
- c) Subcategoria verbal:
- Ação:** (cf. Nota 6)
(35) Então a gente se escondia debaixo da mata. (FLP.15-1206)
Esquema casual: +[_A,*O,L]/A=O
- Processo:** (cf. Nota 4)
(36) Não, porque me simpatizei com o Vasco. (FLP.17-165)
Esquema casual: +[_*E,O]/E-apag.
- Estado:** (cf. Nota 5)
(37) Hã? Aquele que se chamava estafeta, né? (FLP.21-1173)
Esquema casual: +[_Oe,Oe]

4.2 Análise e Discussão dos Resultados

Os resultados mostram que em 33% dos casos ocorre a supressão do clítico pronominal. Nossos dados foram coletados de entrevistas porém não coincidem com os de NUNES(1995) que obteve 52% de omissão do clítico em entrevistas. Já ALBUQUERQUE (1984) apresenta, para o Rio de Janeiro, 30% de supressão desse clítico, enquanto, para Minas Gerais, o percentual de queda é de aproximadamente 70%.

Dos fatores lingüísticos testados, o fator condicionante considerado mais relevante para a supressão do pronome átono foi o semântico, mais precisamente, os papéis semânticos ou casos, seguido pelo condicionante: tipo de verbo. Nos papéis temáticos, a supressão do pronome átono é francamente favorecida entre os verbos comitativos (.74) e os locativos (.66). Os verbos experimentativos (.44) desfavorecem a queda do clítico pronominal, tendência ainda mais acentuada entre os básicos (.25) (cf. Tabela 4.2.1).

Comitativos:

- (38) Eles foram casando ... (FLP.03-61) [_A,*O,*C]/A=O; C-apag.
(39) Depois logo casei. (FLP.04-691) [_*A,*O,*C]/A=O; A,O,C- apag.
(40) Desde a primeira vez que a gente separou (FLP.03-624)
[_A,*O,*C]/A=O; C-apag.

Locativos:

- (41) Onde eles se encontravam havia um tiroteio. (FLP.06-424) [_L,Oe]
(42) Ninguém levanta pra dar lugar hoje em dia. (FLP.04-213)
[_A,*O,*L]/A=O; L-apag.

Experimentativos:

- (43) Porque me acostumei. (FLP.06-791) +[_E,*O]/O-apag.

Básicos:

- (44) Porque quando eu me criei, na rua que eu moro... (FLP.07-193)+[_A,*O]/A=O

Tabela 4.2.1

Atuação do grupo de fatores Papéis Semânticos na omissão do clítico pronominal

Papéis Temáticos	Aplicação/Total	Frequência	Probabilidade
Comitativo	25/43	58%	.74
Locativo	15/38	39%	.66
Experimentalivo	29/103	28%	.44
Básico	5/42	12%	.25

Os casos: benefactivo e holístico não foram contemplados entre os verbos pronominais acidentais, enfáticos ou recíprocos. Entre os tipos gramaticais de verbos, os pronominais acidentais são os que mais tendem à queda do clítico pronominal (.54), o que era esperado, seguido nessa tendência pelos enfáticos (.49). Já os recíprocos inibem a omissão do clítico (.18) (cf. Tabela 4.2.2). Este comportamento dos verbos recíprocos também já era esperado, pois o clítico nesses verbos é o objeto de uma ação transitiva que parte do sujeito, sendo por essa razão classificados na Gramática Tradicional entre os reflexivos. No entanto, foi interessante separá-los dos reflexivos para que se pudesse mostrar que, pelo menos na fala florianopolitana, eles apresentam comportamentos distintos em relação à queda do clítico pronominal¹⁷.

Tabela 4.2.2

Atuação do Tipo Gramatical de Verbo na supressão do clítico

Tipo de Verbo	Aplicação/Total	Frequência	Probabilidade
Pron. Acidentais	65/197	33%	.54
Enfáticos	04/10	40%	.49
Recíprocos	05/19	26%	.18

¹⁷ A presença do clítico nos verbos reflexivos em Florianópolis é categórica (100% de uso do clítico).

O *corpus* analisado constituiu-se de 98 verbos, perfazendo um total de 288 ocorrências (ver tabela em anexo). Esses verbos foram classificados segundo seu papel temático e subcategoria verbal. Nesta tabela, podemos ver ainda os diversos casos de metáforizações (cf. Nota 11), tais como as dos verbos: *encontrar-se*, *tornar-se*, *dar-se* e o verbo *lembrar-se* que aparece como verbo de estado e de ação. Vejamos alguns exemplos:

- (45) Onde eles se encontravam havia um tiroteio. (Inf.06-424) +[_L,Oe]-Estado
- (46) Na crise de segurança que nós nos encontramos. (Inf.21-612)+[_E,*O]/O-apag. Processo
- (47) ...foi a semana passada, eu me encontrei com um amigo. (Inf.04-475)+[_A,*O,C]/A=O-Ação
- (48) Ainda tem professora que sempre quando eu encontro com ela, eu converso com ela. (Inf.07-755) +[_O,C] - Processo.
- (49) Então tudo isso torna-se gostoso. (Inf.04-680) - +[_O,*E]/E-apag.-Processo.
- (50) Hoje eu vou me tornar uma pessoa ignorante. (Inf.15-1015) +[_A,*O,O]/A=O - Ação
- (51) A gente toda vida, eu e ela, a gente se deu bem mesmo, eu e a mãe, né? (Inf.03-1069)+[_E,O] - Processo.
- (52) Isso foi opção dela, mas ela não se deu bem. (Inf.22-328)+[_B,*O]/O-apag.Processo
- (53) Ele se dava de saúde, ir embora daqui, por quê? Né?(Inf.06-655)+[_Oe,Oe]-Estado
- (54) Só não lembro assim a idade,...(Inf.03-174)+[_*E,Oe]/E-apag. - Estado
- (55) Quando ele quiser levar o velho, se lembrar...(Inf.06-744)+[_*E,*O]/E,O-apag. - Processo

Com relação à deriva da língua no caso da supressão dos clíticos anafóricos, precisaríamos fazer um estudo diacrônico levando em conta a região analisada ou uma pesquisa em tempo aparente em que se observasse o fato em diferentes faixas etárias, para que se tivesse idéia se a tendência é para o apagamento ou não do clítico pronominal.

5. Considerações Finais

Os resultados estatísticos apresentados acima nos permitiram fazer uma descrição um pouco mais detalhada do fenômeno da supressão dos clíticos pronominais. Os dados mostraram que essa variação é sensível aos papéis temáticos exercidos pelo verbo e que a intencionalidade da ação em verbos reflexivos é um fator preponderante para a queda ou não do clítico.

Referências Bibliográficas

- ALBUQUERQUE, (1984) A. C. R. C. *A perda dos clíticos num dialeto mineiro*. Tempo Brasileiro, nº 78-79, 97-121.
- ANDERSON, J. M. (1971) *The grammar of case: towards a localist theory*. Cambridge. Cambridge Studies in Linguistics, nº 4. At the University Press.
- BORBA, F. (1990) *Dicionário gramatical de verbos*. 2.ed. São Paulo: UNESP.
- CEGALLA, D.P. (1985) *Novíssima Gramática da Língua Portuguesa*. Companhia Editora Nacional, São Paulo.
- CHAFE, W.L. (1970) *Meaning and the structure of language*. Chicago: University of Chicago Press. (trad. Bras. Significado e estrutura Lingüística. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos)
- COOK, W. A. (1989) *Case grammar theory*. Washington, D.C., Georgetown University Press.
- FERREIRA, A.B.H. *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. Ed. Nova Fronteira, Rio de Janeiro.
- FILLMORE, C.J. (1968) *The case for case*. In Universals in linguistic theory. Edited by Emmon Bach and Robert T. Harms. New York: Holt, Rinehart and Winston.
- GAMARSKI, L. (1981) *Reflexivos em Orações Incoativas*. UFG Ed., Goiânia.
- HAUY, A. B. (1992) *Vozes Verbais - Sistematização e exemplário*. Série Princípios, SP: Ática.
- IKEDA, S. N. (1978) *A função do "SE"*. Revista da PUCSP.

LUCCHESI, D. e Mota, J. (1991) *Análise de Variáveis Sociolingüísticas na Colocação dos Pronomes Átonos*. Estudos (11):159-175, ago.

MONTEIRO, J.L. *Pronomes Pessoais*. EUFC, Fortaleza.

NICOLACÓPULOS, A.T. et alii. (1997) *O modelo casual da UFSC*. Anais do 1º Encontro do CELSUL, Florianópolis, 1: 203-209.

NUNES, J. (1995) *Ainda o famigerado Se*. D.E.L.T.A., 11: 201-240.

SACCONI, L.A. (1986) *Nossa Gramática: Teoria e Prática*. 8 ed. São Paulo, Atual.

TERRA, Ernani. (1991) *Curso Prático de Gramática*. São Paulo, Scipioni.

ANEXO

Verbos (*corpus* do VARSUL¹), classificados segundo sua subcategorização verbal e seus papéis temáticos²

	Estado	Processo	Ação
Básicos	Chamar-se Dar-se ³ * Limitar-se	Acidentat-se Acabar-se Acordar-se Criar-se* Deteriorar-se Depravar-se Modificar-se Queimar-se Quebrar-se Tornar-se*	Arrumar-se Criar-se* Empapucar-se Matar-se Pentear-se Tornar-se*
Experimentivos	Conhecer-se Considerar-se Conformar-se Importar-se* Incomodar-se* Interessar-se* Lembrar-se* Respeitar-se Sentir-se	Aborrecer-se Arreponder-se Aperceber-se Adaptar-se Acostumar-se Confiar-se Cansar-se Complicar-se Desmanchar-se	Aparecer-se Acalmar-se Apresentar-se Alertar-se Adaptar-se* Calar-se Corresponder-se Dedicar-se Discutir-se

		Dar-se* Encontrar-se* Esquecer-se* Encher-se Importar-se* Incomodar-se* Interessar-se* Irritar-se Lembrar-se* Magoar-se Ofender-se Perverter-se Preocupar-se Reclamar-se Simpatizar-se Tornar-se*	Debater-se Discriminar-se Desligar-se Determinar-se Esquecer-se* Especializar-se Meter-se Manifestar-se Permitir-se Orientar-se Obrigar-se Sujeitar-se
Benefactivos		Dar-se* Formar-se Safar-se	Alimentar-se /Cuidar-se Empregar-se /Servir-se
Comitativos		Encontrar-se*	Aproximar-se Casar-se Encontrar-se* Entrelaçar-se Isolar-se Juntar-se Manter-se Reunir-se Separar-se Unir-se Virar-se
Locativos	Encontrar-se*		Abaixar-se Deitar-se Esconder-se Encostar-se Ir-se embora Levantar-se Locomover-se Mandar-se Mexer-se

			Mudar-se Parar-se Pintar-se Sentar-se
Holísticos			Localizar-se*

¹ *Corpus* coletado pelo Projeto VARSUL, composto de 8 informantes de Florianópolis, totalizando 98 verbos com 288 ocorrências.

² Salientamos que os verbos analisados foram somente aqueles que apareceram nos *corpora* e que as conclusões foram concernentes a esses verbos e a falantes florianopolitanos, pois, conforme enfatiza MONTEIRO (1994), esta variação é diatópica, ou seja, dependente da região avaliada.

³ Os asteriscos que seguem algumas das formas verbais, nas duas tabelas, servem para indicar: a) verbos que se encontram em campos semânticos diferentes, porque são polissêmicos (metaforizados), isto é, assumem diferentes sentidos em contextos diversos (só percebido se levado em conta fatores semântico-pragmáticos); b) verbos que mudam sua subcategoria verbal: por exemplo, de processo para ação ou de estado para processo.